

A retomada do curso interrompido

Ricardo Noblat

No final da tarde de anteontem, depois de ter pronunciado o discurso que marcou o início da vigência da nova Constituição, o deputado Ulysses Guimarães esbarrou na advertência produzida em voz baixa por um dos seus melhores amigos:

— Os homens não gostaram. Eu vi.

— Como? — indagou Ulysses, sem entender.

— Aquela referência ao Rubens Paiva... Não gostaram.

Os *homens*, no caso, eram os ministros militares. Eles escutaram, sem aplaudir, quando Ulysses disse que "a sociedade foi Rubens Paiva, não os fascínoras que o mataram". Rubens Paiva foi preso por oficiais da Aeronáutica em janeiro de 1971 e dado, depois, como desaparecido.

— Ah, é? Quem? — provocou Ulysses, curioso.

— O Sabóia, da Marinha. Mas o senhor e ele são muito amigos e isso, com o tempo, se recompõe — sugeriu o confidente de Ulysses.

— É, mas não é só porque somos muito amigos, mas porque estamos vivendo nossos papéis. O meu é o de dizer essas coisas e o dele é de ficar chateado — encerrou Ulysses.

Foi o próprio Ulysses, e mais ninguém, o autor do discurso destinado a integrar a crônica política do país como uma das mais belas peças da recente oratória parlamentar. A meia dúzia de colaboradores íntimos, o deputado pediu sugestões de temas que deveriam compor seu discurso. Acabou por não incorporar sugestão alguma. Começou a redigir o discurso na quarta-feira da semana passada. No domingo, estava pronto.

Saboreou, muitas vezes, cada frase que escreveu — e a que refere o ex-deputado Rubens Paiva, ele acrescentou em uma das últimas versões do discurso. É possível que o nervosismo exibido pelo presidente José Sarney, na cerimônia de promulgação da Constituinte, se explique pelo intenso clima emocional que a envolveu do começo ao fim. É razoável, contudo, que tenha derivado, também, do conteúdo do discurso de Ulysses.

Não foi, como pode ter parecido, um discurso de candidato a presidente da República ou de aspirante a candidato. Primeiro, porque a hora não teria sido adequada. Segundo, porque o discurso não teria servido bem à



candidatura. Não serviu para ampliar a possível base de apoio do candidato. Animou, de fato, as esquerdas, até então desencantadas com Ulysses, mas deve ter assustado os moderados. À direita, forneceu munição para que possa desfechar ataques contra o deputado.

De resto, foi um discurso encharcado de emoção e pobre de indicações quanto ao futuro do país. O candidato estadista não transpira emoção por todos os poros e tem sempre a preocupação de apontar caminhos e de vislumbrar soluções. Ulysses fez o discurso que pretendeu fazer — aquele que assinalasse sua vontade de levar o PMDB a retomar a luta pelas mudanças prometidas à sociedade em 1984.

Naturalmente, o discurso serviu, em parte, à candidatura a presidente de Ulysses, só que esse efeito foi secundário, marginal. Pelo menos a curto prazo. Não foi sem propósito que Ulysses falou tanto em mudanças e arrematou seu pronunciamento com a palavra-de-ordem que sustentou a eleição do presidente Tancredo Neves: "Muda Brasil". Sarney foi citado no discurso uma única vez.

Mesmo assim, Ulysses lembrou-o para ressaltar que cumpria, "exemplarmente", o compromisso assumido por Tancredo de convocar a Constituinte. Somente. Foi um discurso que homenageou os que lutaram contra o Estado Autoritário (Tancredo, Juscelino, Teotônio Vilela), os que, diretamente, foram vítimas dele (Rubens Paiva), e os que ajudaram, por fim, a revogá-lo — os brasileiros e brasileiras.

Com o que disse, Ulysses quis sugerir que está fechado o hiato aberto com a morte de Tancredo e ocupado, até aqui, pelo processo constituinte. É vontade dele que a sociedade venha a compreender que o destino interrompeu a obra que o PMDB gostaria de ter começado a realizar com mais ambição. Está realizada a mudança institucional prometida — pelo menos no plano formal. A nova Constituição vige.

O discurso estabeleceu os parâmetros para as mudanças na ordem política, econômica e social que o PMDB imagina operar se assumir o poder na sucessão de Sarney. O passo seguinte ao discurso poderá vir a ser a elaboração de uma proposta econômica do PMDB para o governo enfrentar, de imediato, o descontrolado da inflação que ameaça desestabilizá-lo, e o próprio curso político do país.

Há uma crescente desconfiança entre alguns governadores de que muitas cabeças do governo apostam no agravamento da situação, que poderia resultar no aborto do projeto democrático. O que está em questão não é salvar Sarney e o seu governo — os dois, em si, não têm a menor importância. Está em jogo a sorte da democracia que se tenta restaurar.